

# O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 3

## Amor do trabalho

Um dos maiores e mais importantes benefícios, que se podem fazer aos homens, e em especial á classe popular, é inspirar-lhes a sua utilidade, as suas inapreciáveis vantagens, os seus felizes resultados; fazer entrar este assumpto, como parte essencial, no plano da instrucção das primeiras eschololas.

O trabalho é o destino commum de todos os homens, que existem sobre a terra: «comerás o pão» (disse Deus ao nosso primeiro pai) «comerás o pão á custa do suor do teu resto.»

Quem trabalha cumpre com o seu destino; obedece á voz do seu Creador.

O trabalho é a verdadeira pedra philosophal, que os antigos com tanto empenho, e tanto em vão, pretenderão indagar. A pedra philosophal consistia em converter os metaes em ouro. O homem tem em si mesmo a arte de crear o ouro, basta-lhe pôr em movimento os seus braços e as suas mãos.

O trabalho não deslustra; antes enobrece e exalta a dignidade do homem. Pelo trabalho consegue o homem subjugar a natureza e fazer-se senhor della; conquista as suas riquezas e o seu poder; transforma de mil modos os seus productos, e os multiplica; governa em fim a seu arbitrio, e faz fecundas as forças, que ella tem dispersas, e talvez ociosas, pelo ar, pelas agoas, no seio da terra, e pelo mais recondito dos elementos.

O trabalho fixa e ao mesmo tempo entretém a inquieta actividade do homem, regulando-a e desviando-a de perigos de extravios e excessos; captiva-lhe os sentidos e os submete a um regimen salutar. Os exercicios do trabalho previnem ou acalmão as agitações da phantasia; dissipão os seus vãos prejuizos, e extravagantes chiméras; trazem o homem ao conhecimento do positivo, do util, ao paiz das realidades. O trabalho é uma eschola de sobriedade, de temperança, de virtude, e livra o homem dos funestos perigos da ociosidade. Os vícios não entram de ordinario, ou não entram com facilidade, na casa do homem laborioso, que não tem tempo para os acolher, afagar, e animar. O homem afeito ao trabalho não se lembra do

jogo; porque não necessita de buscar meios de perder o tempo; não tem occasião de entrar em rixas e contendas com os seus vizinhos; não tem necessidade de usurpar o alheio para sustentar a vida. A estatística dos crimes mostra que as classes laboriosas são proporcionalmente as que menos figura fazem no odioso e abominonoso quadro das maldades humanas.

O trabalho é tamdem uma eschola de resignação, porque nos ensina e lembra a nossa dependencia; corrige e castiga o nosso orgulho e vaidade; conduz-nos á consideração dos nossos deveres e da nossa commum sorte; e é um longo e continuo commentario daquella verdade capital, que define a vida humana como um tempo de sofrimento, e como uma grande preparação para outro melhor estado.

O trabalho conserva a saúde; dá força, vigor, robustez, e agilidade ao corpo, entretém a tranquillidade do espirito, a paz interior, o equilibrio das paixões, o exercicio de todas as nossas facultades. Com o trabalho paga o homem o tributo que deve á sociedade, que o protege e defende; consilia o amor da sua familia, dos seus vizinhos, dos seus concidadões, e dá bons exemplos a seus filhos.

Emfim; o homem amigo do trabalho é essencialmente interessado na conservação da boa ordem publica; porque della depende a posse, e gozo pacifico dos fructos da sua industria.

Convenção-se bem os homens destas importantes verdades. Tomem os paes e os mestres a seu cuidado inspiral-as no animo dos seus filhos e discipulos. Procurem os parochos instrudusil-as em seus discursos e exortações, empregando n'isto toda a efficacia do seu zelo, toda a influencia do seu respeitavel ministerio. Mostrem ao povo quanto é agradável a Deus, que cada um, trabalhando, cumpra com o que elle lhe ordenou; digão-lhe que as Sanctas Escripturas estão cheias de preceitos e de maximas sobre este objecto; de severas invectivas contra a priguica e ociosidade; de terriveis pinturas dos funestos effeitos destes odiosos vícios.

O povo é naturalmente religioso e christão; mas é necessario dirigir-lhe bem esta feliz propensão, e não abusar d'ella. Para isto basta expôr-lhe singelamente a verdade e fazer-lh'a sentir.

## Quanto pode para o mal, a inveja, a calumnia e a intriga.

Para inculcar a virtude, e a tornar amavel, não basta fazer o seu elogio, ou encarecer as acções de que ella é autora; é além d'isso mui conveniente fazer conhecer a disformidade dos vícios oppostos, para que d'este contraste resulte maior realce á virtude, que lhes é contraria, e que altamente os condemna.

El-Rei D. Manoel, levado dos generosos sentimentos de justiça e gratidão, tinha honrado Duarte Pacheco do modo mais lisongeiro com que um Monarcha póde honrar um vassallo; e para acabar com proveito o que tinha começado com honra, nomeou-o Governador de S. Jorge de Mina, para que, attendidas as grandes despezas, que fizera na India, d'onde além da fama nada mais trouxera, podesse olhar por seus interesses. Mas a inveja, a calumnia, e a intriga, que não podem ser indifferentes, nem estar socegadas quando vêem abrir-se as mãos dos Principes para os subditos benemeritos, começaram logo de mãos dadas a maquirar a ruina d'este grande sustentaculo e ornamento do nome Portuguez; e taes cousas disserão e fizérão, que o mesmo Principe que o galardoára, foi o proprio que o condemnou ao discreditado e a miseria! Eis como o Escriptor da Vida de D. Manoel refere o caso:

«Mas como andassem ateadas nelle as invejas de muitos, estas crestarão sua probidade e honra por modo, que o accusarão de ter defraudado a El-Rei de grandissimas quantias de ouro, e de muitos outros crimes, e máos feitos. Pelo que mandou S. Alteza lh'o trouxessem com ferros aos pés a Portugal, onde lançado n'um calabouço miserriamente jouve, até que examinados com mais apuramento os capitulos, saio claro, que os delictos, que os inimigos lhe imputavão, erão em parte falsos, e em parte leves. Então é que o despejãrão dos grilhões, e lhe restituirão as honras, sem com tudo o proverem da recompensa merecida por tão inclyta virtude: assim viveo vida indigente.»

Tanto podem a inveja, a calumnia, e a intriga, ainda para com os Principes mais estremados! Mui sabio e judici-



oso é o que a este respeito cantou Camões. Diz assim:

*Aqui tens, companheiro, assi nos feitos,  
Como no galardão injusto e duro:  
Em ti, e nelle veremos altos peitos,  
A baixo estado vir, humilde e escuro;  
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,  
Os que ao Rei e a lei servem de muro!  
Isto fazem os reis, cuja vontade  
Manda mais que a justiça e a verdade.*

A inveja, a calúnia, e a intriga, todas companheiras inseparáveis, são tão malvadas, tão perversas, que d'aquillo mesmo que faz a honra d'um Varão illustre, e que reverte em proveito e gloria da Patria, se servem para maquinar sua ruína.

Tinha o grande Affonso d'Albuquerque fundado no Oriente o Lusitano Imperio; tinha avassallado reinos e nações inteiras; de seus Príncipes fizera uns tributarios, ganhára outros por amigos; tinha, tanto no mar como na terra, assoberbado o grande poderio d'aquellas regiões, e pela virtude do seu braço, e prudência de seus conselhos tremulava desassombrado e triumphante o Pavilhão Portuguez; mas de todos estes feitos que fazem Affonso d'Albuquerque igual, senão superior, aos maiores Capitães da antiguidade, tirou partido a inveja, a calúnia, e a intriga para derribar este heroe do throno: feitos se tinha sublimado: eis a sua linguagem endereçada ao Monarcha:

«Que será, Senhor, quando escorado em sua sagacidade, e singular astúcia juntar ao seu partido Sabaim Daleão?! Quando travar alliança com el-rei de Narsingal? Quando acarear a si os demais Reis da India! E quanto lhe não é mui facil desistir da lealdade?! Certo está de conseguir que o nome d'el-rei D. Manoel se menospreze, e com gosto aceitem a soberania d'Albuquerque.»

Estas e outras razões, dado que futeis e aleivosas, uma e outra vez repellidas, foram calando no animo d'El-Rei, até que resolveo mandar substituir Affonso d'Albuquerque no governo da India, (pelo seu maior inimigo!) chamando-o logo para o Reino, com pouca consideração, e nenhuma recompensa.

Este procedimento d'um Principe allias magnanimo não pode ser desculpado nem por aquelle, que em seus Cantos tantos elogios lhe consagrou! É digno de gravar-se na memoria o que a tal respeito diz Camões:

*Mas tu, de quem ficou tão mal pagado  
Um tal vassallo, ó Rei só nisto unico,  
Se não és para dar-lhe honroso estado,  
É elle para dar-te um Reino rico.  
Em quanto fôr o mundo rodeado  
Dos Apollineos raios, eu te fico,  
Que elle seja entre a gente illustre e claro,  
E tu nisto culpado por avaro.*

## LITTERATURA.

### Sem Título

(A Joaquim Malheiro)

Abençoado tumulo que encerra  
As lagrimas d'um peito sem abrigo!  
Não ha nada que pague sobre a terra  
Um verdadeiro amigo.

Perdôa, amor! e, minha irmã perdôa!  
Mãe extremosa morrerei contigo!  
Bem-dita seja aquella que abençôa  
Meu verdadeiro amigo!

Que reparte comigo suas dores,  
E sabe os mil segredos que lhe digo!  
Não egualam na terra meus amores  
Um verdadeiro amigo.

Quando eu morrer, não quero outras perpetuas  
Sobre meu triste, funeral jazigo,  
Senão as tuas, que, jazendo, aceito-as,  
Meu verdadeiro amigo.

Braga, 31 de Agosto.

Alberto Malheiro

## NOTICIARIO

**Expediente** — Precisamos descansar para nos preparar para a luta mais activa, e para 1850 *Caracteres de Litteratura e de Arte* *Barcelense*, ás quintas-feiras, uma vez por semana.

O *Barcelense*, ainda que digam o contrario, só vive das suas assignaturas e dos esforços do seu proprietario, e por isso necessario se torna, que os snrs. assignantes de fóra, e das aldeias venham pagar as suas assignaturas, que, por ventura, estejam devendo.

**Fallecimento**—Falleceu no sabbado na quinta de Quiraz do snr. Reitor de Roriz, seu sobrinho, o snr. Joaquim Augusto Paes, filho mais velho do fallecido snr. José Maria Paes.

Enterrou-se na segunda-feira na egreja dos Terceiros desta villa.

Contava apenas 21 ou 22 annos e era uma excellente creatura:—a terra lhe seja leve.

**Outro**—Falleceu no domingo, e sepultou-se na 2.ª feira no templo do Bom Jesus da Cruz a filha, mais nova, do snr. José Antonio do Amaral.

Victima de uma affecção pulmonar e na flôr da vida desceu bem cedo á campa, deixando inconsolavel seu pae e os seus, que verdadeiramente a estimavam: a terra lhe seja leve.

Damos d'aqui os nossos sentidos pesames a toda a sua familia.

**Christo no horto**—Não pensem que vamos fallar da tragedia do calvario, não senhor, vamos fallar de um roubo, porque é accusado e está preso Clementino de Jesus Christo e seu cumplice o Cesteiro chamado o Raizes.

O nosso Christo e Jesus era um reles carpinteiro, que converteu a sua industria na de uma taberna na rua Nova.

Como se não deu bem com a primeira industria por pouco lucrativa, a segunda tambem não correspondia ao fim, e como muitos poucos fazem muito, sem estudar a economia politica, entendeu, que devia addicionar-lhe mais outra—assim o fez.

Sabia, que os sotãos das casas dos snrs. Simões, da rua Nova, que lhe ficam de perto, serviam de tulha, podendo-se tambem lá encontrar a sua batatinha e alguma cebola, (faltava-lhe o bacalhau) e lembrou-se, que a sua casa muito precisava d'estes objectos.

Sabia, que o padre Domingos, que de dia é ponto preso á varanda de Pilatos, ao luscofusco abandonava o logar a buscar pasto para o dia seguinte; e que nestes termos o Cerbero facilmente se podia illudir—combinou empresa com seu amigo Cesteiro.

Como a necessidade é mãe de toda a industria tractou de obter, por meios licitos, o que mais precisava, e n'isto não lhe queremos mal; porque o consumo era feito cá no paiz, e Deus quando veio ao mundo veio para todos.

Foi o milho, objecto da primeira necessidade, que mais lhe prendeu a attenção, e não admira, porque já gorgulento, perdia-se, e com isto nada lucrava a humanidade.

Mais humano, do que seu dono, tratou de o mudar para sua casa, e repartiu-lo pelos pobres:—era um bom serviço, de que seu dono, esquecido deste vale de lagrimas, ainda se não tinha lembrado, e Christo seguindo as verdadeiras doutrinas do divino mestre, entendeu dever pôr-se em pratica.

E poz;—com chave falsa, e na occasião em que o moço costumava ir ceiar (10 horas) ia encher o seu saquinho, quando podia, tendo por auxiliar o seu amigo Cesteiro.

Como Cesteiro que faz um cesto faz um cento dando-lhe madeira e tempo parece, que costumava lá ir muitas vezes, e como o cantaro, que vai á fonte, tantas vai, até que quebra, por negros peccados, estava um jornaleiro, assentado ao muro do quintal, que viu Clementino (salva nos Jesus Christo) a andar de volta da casa a fumar.

Era natural, e podia ser empresa amatoria, e o facto passaria desapercibido, se não fóra um outro jornaleiro, que n'essa occasião entrou pela porta do portal, e ouviu distinctamente o som do acto de lançar milho n'um sacco, e perguntou ao jornaleiro, que estava assentado ao muro, se o moço da casa estava na tulha a medir milho—a que lhe respondeu que não. Chamam o moço e vão á tulha e encontram dous saccos já com milho, mas o Cesteiro, que os presentiu, abriu a porta da rua e deu ás de villa Diogo, e peguem-lhe lá com um trapo quente.

Isto foi no domingo e na segunda-feira, de noite, procuraram-nos, e te-u-nos agora á sombra:—é mal feito, porque o bem que faziam não erão só para si:—o consumo era feito no paiz;—uão o entendem assim, lá se avenham.

**Impostura**—E' esta a epigraphe de uma local, que nos diz respeito, inserta no n.º 20 da Lei e Ordem.

Não costumamos aceitar favores, e por isso, sem lhe tocar, divolvemos o mimo tal qual no-lo offeraram.

Existem dous homens na actual vereação da camara, que sem critica nem senso commum, entendem, que devem deturpar todos os nossos actos, ainda os mais innocentes. Hontem, eram dous corpos e um só o pensar:—hoje, tudo são vicios ou crimes, o que nós praticamos!—altos juizos do senhor!

Vamos ad'ante:—Trabalhamos com vontade para que no sitio, denominado das Torres,—paços da actual dynastia—se edificasse um edificio, que recebesse condignamente as repartições do Almoxarifado da Serenissima Casa de Bragança. Prejudicada esta edeja por factos, que subsequentemente se deram, e que não veem para aqui, tractamos, de combinação com a camara transacta, de vingar a edeja por uma



outra forma. Os trabalhos, que fizemos a este respeito estão *vicos* e existem na repartição da ill.<sup>ma</sup> Camara, que pelo menos *proyam boa vontade e bons desejos de concorrer para o engrandecimento da terra, que nos deu o ser.*

Differentes causas obstaram, que a Camara transacta preenchesse todas as condições, por que lhe eram dados e cedidos os paços e casas, que foram de João Luiz Arriscado;— e por isso necessario se tornou, que informassemos a actual camara do estado desta questão.

Seja-nos licito dizer de passagem, que a offerta do terreno das Torres comprehende todo o terreno até ao adro, e que a confraria do Senhor, fóra deste, nada possui.

Officiamos então á actual camara; e já se vê, que a exposição de um facto, alheio á politica e ás questões pessoais, não podia conter expressões, que ferissem susceptibilidades e melindres, e por isso é menos exacto o que a tal respeito se affirma na local da impostura, assim como tambem o é—que o nosso officio tivesse por fim, como se affirma, a *expropriação das ruínas do palacio dos snrs. duques de Bragança.*

Tambem podemos negar, o que se affirma, —*que a camara entendeu, e deliberou de nos não dar resposta, como nos não deu.*—isso pretence aos *dous intransigentes*, cuja offensa perdoamos, porque a *cegueira* não os deixa ver mais adiante.

Entendamos, que, como homem, cujas rectas intenções revelava o officio, deviamos ter uma resposta, que não tivemos, e que só prejudica, quem tão mal avisado anda n'estes negocios.

Está abaixo da discussão, se se attender, que nós fallamos em nome de uma *Casa respeitabilissima*, com cuja confiança nos vangloriamos; e que em todo o caso está superior a tão mesquinhas paixões.

E' facto; passaram-se os tempos, e foi-nos preciso responder a um officio, que á Repartição tinha sido dirigido pela camara antherior, e aproveitamos a occasião, pedindo resposta do vosso primeiro officio para dar cumprimento a ordens superiores.

Ainda desta vez não fomos attendidos, e é menos exacto, que a administração da Serenissima Casa, nesta villa, *tivesse prompta resposta por ter sido officio dirigido em termos cordatos e dignos*, como se affirma.

Este officio está redigido e escripto por nós, e o seu assumpto é differente do que tracta o primeiro;—e estando nós já *offendidos*, como é, que aquelle está bem concebido e este não?—isto não é crível, e só tem por fim lançar poeira no que se vê, e é de tão facil comprehensão.

Pedimos á ill.<sup>ma</sup> Camara, que publique um e outro officio, e que se não degrade tanto, dando a conhecer *tão mesquinhas paixões.*

Sem desanimarmos, nem traserinos para publico esta questão, toda de interesse para o Municipio, entendemos-nos com os snrs. drs. Salasar e Miguel, que concordaram comnosco, que a Camara, embora, não quizesse fazer a obra, que traçada já estava na planta pelo engenheiro districtal, não podia, sem aberrar do senso commum deixar de aceitar *uma offerta*, que nos parecia, que não era de desprezar.

A edeia convencia, e a ella adheriu logo o snr. Guimarães sem se importar donde partia.

Combinados os trez acharam-se em fraca posição os *dous intransigentes*, cujo intuito era *desconsiderar* as intenções dos que com lealdade e boa fé andavam neste negocio.

Foi então, que a Camara accordou na

nomeação dos snrs. vereadores, Salasar e Guimarães para se entenderem, não comnosco, mas com o snr. Rodrigues Leite;—tivemos o praser deste snr. lhes confirmar vocalmente, (o que já havia feito por escripto no segundo officio)—*que a iniciativa* era toda nossa.

Contra vontade dos *dous intransigentes* combinaram comnosco os *dous* senhores vereadores, e expostos os factos, que se tinham dado para obterem a aquisição, em que fallamos, fomos instados uma e mais vezes para lhes fazermos a representação a dirigir, a que respondemos, que declinavamos a honra, em vista de membros tão conspicuos, de que se companhia a actual vereação.

Passados mais de 15 dias, encontrandonos na Ponte com os snrs. drs. Salasares, Senior e Junior, ahí fomos de novo instados para a fazer; a que fomos forçados a annuir, com a condição de não ser mostrado a nossa lettra aos *dous intransigentes*.

Disse-nos o snr. Salasar Junior, que assim o cumpriu, e que a representação a tinha redigido no mesmo sentido.

Deram-se muitas outras peripecias, que não continuamos, porque para local, já vai longa.

A representação, que nós fizemos, foi lida, antes de ser apresentada, pelos snrs. drs. Salasar Junior, Miguel e Barroso.

Julgamos-nos para este ou outro qualquer fim muito inferiores ao snr. Salasar Junior e mesmo a alguns snrs. dos quaes se compõe a actual vereação, e a explicação que damos a este facto, que somos obrigados a trazer para aqui —*é, que ninguem quer ter trabalho de que não percebe interesse—mal que afflige muita gente, e de que nós nos não julgamos isempto.*

Esta é a verdade; e se não é—pedimos que o sr. presidente da camara publique tudo o que ha a este respeito.

**Chamaram-lhe Comunista**—Pela freguezia de Lijó, Salvador e Couto, passou um homem, que parecia que tinha *coiza ruim*. Viu uma rapariga de 10 a 12 annos, e lançou-lhe a mão, e esta gritou, entendendo, que a queria roubar, mas qual?—*fructa verde!*—debateu-se, acudiu gente e no entretanto o hominho pode-se sacudir.

Como as *Necessidades* não são só a 8 de Setembro, e elle ia com a *dôr*, mais adiante, já distante, encontrou uma velha —*a mesma chalaça!*

A velha não era para graças, chamou por soccorro, puchou do seu socco, e *zas*, traz entreteve-o bastante tempo, acudindo bastante gente, mas ainda assim lhe deram a occasião de se escapar.

Deliberaram então os que se tinham reunido de se ir armar, e chamar os visinhos para fazer um cerco á mata da quinta das snrs.<sup>as</sup> Bossas, onde se dizia estavam *estes e outros Communistas*.

Meu dito, meu feito;—mais de 150 homens armados se reuniram d'aquellas freguezias e elles lá vão fazer um cerco em forma á dita mata.

Batida, bem batida, nada encontraram; e o que aconteceria, se algum pobre diabo andasse por allí aos coelhos?! passava por *coelho comunista* e commiam-no vivo!—safa!!

**Leozça**—Dizem nos, que sabe sexta-feira a gozar a licença, que obteve do governo o snr. *conselheiro ministro*, Manoel José Botelho, e que fica com a vara o snr. Mendanha:—fica bem entregue.

Estimamos que chegue *a porto de salvamento*, e para descanço seu e da humanidade, que Deus o conserve, lá por fóra, por muito tempo:—*é um ramo de figueira, que secca quem estiver ao pé d'elle!*

Vai muito queixo dos habitantes desta comarca, que o não tem protegido *das injustas arguições do Barcellense*, e não menos *de certa gente*, que se fugia sua amiga.

Lamenta os excessos, a que se entregou por conselhos de pessoas, que o persuadiram, que os redactores do *Barcellense* eram *a ralé da sociedade*, que se esmagavam com um *tacão de uma bota*.

Hoje está persuadido do contrario, e de bom grado trocaria *essa ralé* pelos potentados dos seus conselheiros.

Bom é que se desengane, e que não ha auctoridades, que prestem, nem *despotismo*, que esmague, quando a causa, santa e justa, é do povo, e o homem, que falla tem convicções, que se não abalam *pelo oiro, despotismo, ou pela corrupção*.

Vá descançar, snr. conselheiro, que muito precisa d'isso, que nós precisamos tambem, e lembre-se, que ainda não estão feitas *as botas*, que nos tem de esmagar, e que as represalias são as consequencias das suas imprudencias.

Cure o seu mal, que não é pequeno:—tracte de *lançar bixas no estomago*, e mais socegado veja se concerta o corpo e o spirito, e se consegue depois dar um herdeiro a casa de Vessadaç.

Pouco importa, que seja *visconde ou barão*;—mais cautelozzo e prudente ganhará melhores titulos, pelos quaes se recommenda mais, do que pelos obtidos por uma *importancia balofa*.

**Bexigas**—Tem-se desenvolvido ultimamente bastante e atacado os adultos.

Como se não lembram de St.<sup>a</sup> Barbara, senão quando trovão, tem-se agora vaccinado muita gente.

Podemos dar graças a Deus, pois por ora *este mal* não tem feito estragos de maior, como aconteceu em Braga e Guimarães;—com tudo, é preciso cautella, e atalhar a que se desenvolva, em quanto é tempo.

**Ninguem sabe onde as tem armadas**—Uma pobre velha, moradora no Areal, extremidade de Barcellinhos e Alvellos, veio ao rio com uns *farrapinhos*, que estava lavando junto á Ponte;—e vai se não quando, sem o presentir, veio por detraz *um cão damnado* e ferrou-lhe no calcanhar.

Sentiu a *dôr*, e voltando-se para traz deu-lhe com o braço direito, o qual o cão agarrou e gravemente lho feriu com nova mordedura.

A pobre velha anda em tratamento e com bastante receio, que o mal seja maior.

**Bias**—Navegava em uma occasião o Sabio Bias na companhia de uns corsarios. Succedeu levantar-se uma grande tempestade, e começaram todos em altas vozes a chamar os Deoses, que lhe valessem: a que acodiu Bias com muita pressa e graça: *Silote, ne vos illi navigare sentiant*: callai-vos, não saibão os Deoses, que ides aqui. Os impios são religiosos nos perigos, ou melhor confissão a verdade na hora do passamento. Deus os illumine e tenha *delles* Misericordia.

**Essa resposta**—Perguntando Diogenes porque lhe chamavão cão; respondeu, porque aos que me dão alguma couza, affago; aos que me não dão nada, ladro; e aos máos mordo.

**Estropalho, esfregão de louça**—No convento de.... havia um frade mui bem procedido, mas demaziadamente bom.

Em uma occasião lhe fez o Prelado um capitulo; em algumas coisas que lho disse, lhe chamou, estropalho. Sentio de tal sorte o Frade a palavra, que se recolheu na cella sem querer comer, nem fallar a pessoa alguma. Foi buscado outro frade seu amigo; querendo



vertal-o daquela pena; disse-lhe: Padre, você não tem razão para se queixar do Prelado lhe chamar estropalho, é uma palavra grega, que vende *estropalhos*, a qual quer dizer, homem de virtude, e vida meritificada. Convenço-se o bom Frade.

Foi logo à cella do Prelado, deitou-se-lhes aos pés com grande humildade, dizendo: Padre Prior, perdoe-me v. Paternidade pelo amor de Deus. Todo o mundo reconhece que v. Paternidade é que é o *estropalho*, que eu não mereço, nem sou digno de tal nome. O Prior mui irado começou a gritar. Padre vem doudo! Faça a benia. Continuou elle; Padre Prior, v. Paternidade é *estropalho*, e o maior *estropalho* da nossa Religião; e neste cumprimento estiverão mais de meia hora.

**Ninhos de peixes**—Já Aristoteles e Plinio citavam exemplos curiosos de nidificação dos peixes. Os naturalistas modernos confirmam estes factos. Um dos exemplos mais notáveis é o dos carapás. Estes pequenos peixes estabelecem o seu domicilio no meio de plantas aquaticas, e fabricam com fibras de ervas e fragmentos de vegetaes, verdadeiros ninhos, semelhantes aos das aves, onde as fêmeas depositam os ovos, que os machos depois fecundam.

Além d'estes exemplos, ha outros não menos curiosos de ninhos de molluscos e crustaceos artisticamente construidos. As redes dos pescadores trazem muitas vezes d'estes ninhos, que pertencem a certas especies de mexilhões e de lagostas.

**Peixes voadores**—A natação dos peixes é semelhante ao vôo das aves. Nestas as azas funcionam como remos, que fendem o fluido aerio, e n'quelles as barbatanas, fendem a agua e executam movimentos variados. Os peixes voadores tem as barbatanas peitoraes muito fortes e desenvolvidas, e por meio d'ellas saltam para fóra da agua, e conservam-se no ar por algum tempo, voando como as aves. Parece que os peixes dotados d'esta extraordinaria faculdade, recorrem ao vôo, quando são perseguidos na agua por inimigos poderosos que pretendem devoral-os. Fogem porém de um perigo, para cair n'outro: sendo ordinariamente victimas das aves do mar que os perseguem com grande voracidade.

**Definição de mulher**—Pedindo-se a Fontenella a definição de mulher bella:—uma mulher formosa, respondeu elle, é paraizo dos olhos, o inferno da alma, o purgatorio da bolsa.

**Legado curioso**—Um advogado celebre legou em seu testamento uma somma valiosa a um hospital de doidos, declarando que tendo ganho esta fortuna com os que passam a vida em demandas, entendia em sua consciencia, que devia fazer uma restituição.

**Juizo critico**—Conversando alguns amigos a respeito d'um deputado, que nunca tinha fallado na camara, disse um d'elles—F... nunca abriu a bocca no parlamento.—Engana-se, disse outro:—Muitos vezes a abriu, ouvindo certos discursos que lá se recitam.

gratas a tantas provas d'amizade e consideração, que receberam de todas as exm.<sup>as</sup> snr.<sup>as</sup> e cavalheiros, que as procuraram por occasião da enfermidade, fallecimento e enterro de seu sempre chorado marido e cunhado José Maria Fogaça, e não lhe sendo possível agradecer pessoalmente, como desejavam, o fazem por este meio, protestando a todos seu profundo reconhecimento.

Agradecem, igualmente, os distinctos favores, que receberam dos Rdm.<sup>os</sup> srs. Ecclesiasticos.



## ARENDÁ-SE

Quem pretender tomar de arrendamento a Quinta da Granja, sita nas proximidades de Barcellos, falle em casa das snr.<sup>as</sup> Bessas, moradoras no campo dos Touros. Tem casa para Caseiro, boa eira, bons cobertos, muitos mallos e é apta para criação de gados.

## ATTENÇÃO

Os devotos da Santa Cruz, tendo designado o dia 21 do corrente para festejar a mesma, proxima ao magestoso templo do Senhor da Cruz, resolveram solemnizar a mesma no dia 14 do corrente.

## Ao Publico

Manoel Fernandes de Souza desta villa, tem um Talho já á dias aberto no terreiro das Necessidades, da freguezia de Barqueiros nos dias de semana—ao Sabbado—Domingo—e terças-feiras, a preço o meio kilo de 110 rs. e pelo peso velho 100 réis o meio kilo.

Manoel Fernandes de Souza.

## NOVO TALHO

durante a estação dos banhos

Maria Luisa Lopes filha do fallecido José Antonio faz publico que vai abrir um novo talho de carnes verdes na freguesia d'Apulia, a preço o kilograma de 220 rs. e pesos velhos (dous arrateis) 200 rs.

## MACHINAS DE COSTURA

DE SINGER

Vende-se em casa de Manoel Pereira Leite de Carvalho desta Villa no Campo da Feira, assim como agulhas e al-gudões de cores proprias para as mes-

mas. Preço commodo. Ensino Gratis.

## PROGRESSO MARITIMO DO PORTO

Empresa portuense de navegação a vapor

Entre Portugal e a Costa do Brazil

Para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, com

escala para S. Vicente

Vapores portuguezes



Espera-se brevemente o novo e magnifico vapor de 1.<sup>a</sup> classe (a 100 no lloyds)

JULIO DINIZ

Commandante—J. J. RODRIGUES CONTENTE

Sahirá deste porto para os portos acima, impreterivelmente, no dia 26 de julho

Este vapor construido nas melhores condições, com especialidade para poder entrar e sahir a barra d'este porto, offerece, além das excellentes commodidades para os srs. passageiros de todas as classes, a vantagem de sahirem d'aqui directamente para os portos acima mencionados, evitando-lhes o incommodo de irem a Lisboa e de fazerem a melhor despesa.

A comida será abundante e variada, feita por cozinheiros portuguezes, servindo-se vinho de meza, escolhido no Douro, aos passageiros de todas as classes, sem augmento dos preços das passagens.

Os passageiros de 3.<sup>a</sup> classe tem cama, roupas, lousas e utensillios de meza.

Para mais esclarecimentos, assim como para carga e passageiros, dirigir-se ao escriptorio da gerencia. Rua dos Ingleses n.º 42, ou ao Agente nesta villa—João Antonio da Costa Guimarães.

## CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA DO BARCELLENSE

Assigna-se em Barcellos no escriptorio no Campo da Louça, na frente do Norte.

## Preços:

Por trimestre 420 réis—Franco de porte 360 réis—Numero avulso 30 réis.

No mesmo escriptorio se recebem annuncios e correspondencias a 30 réis por linha, com o abatimento aos srs. assignantes de 50 por cento;—annuncios repetidos 15 réis.

Toda a corresponde. cit. deve vir franca de porte, legalisada e subscriptada á Redacção do BARCELLENSE.

Para os srs. assignantes quando seja d interesse publico será inserida gratuitamente.

## RESPONSAVEL

José Joaquim Lopes da Silva

BARCELLOS:—Typ. do **Barcellense**

CAMPO DA LOUÇA N.º 41.

## ANNUNCIOS

### AGRADECIMENTO

D. Maria Emilia Ferraz Fogaça e D. Maria do Carmo Ferraz Menezes, summamente